



*Your complimentary
use period has ended.
Thank you for using
PDF Complete.*

[Click Here to upgrade to
Unlimited Pages and Expanded Features](#)

CELA SIA DE LIMA

DIPLOMA PRA QUÊ? JORNALISMO E FORMAÇÃO UNIVERSITÁRIA

Projeto experimental apresentado ao curso de Comunicação Social / Jornalismo da Universidade Federal de Viçosa, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

Orientação: Soraya Maria Ferreira Vieira

Viçosa - MG
Curso de Comunicação Social / Jornalismo UFV
2010



PDF
Complete

Your complimentary
use period has ended.
Thank you for using
PDF Complete.

[Click Here to upgrade to
Unlimited Pages and Expanded Features](#)

JORNALISMO | UFV

Universidade Federal de Viçosa
Departamento de Comunicação Social
Curso de Comunicação Social /
Jornalismo

O projeto experimental intitulado *Diploma pra quê? Jornalismo e formação universitária*, de autoria da estudante Marcela Sia de Lima, aprovada pela banca examinadora constituída pelos seguintes professores:

Prof. Dra. Soraya Maria Ferreira Vieira . Orientadora
Curso de Comunicação Social / Jornalismo da UFV

Prof. Ms. Ricardo Duarte
Curso de Comunicação Social / Jornalismo da UFV

Regiane Amaro
Jornalista . TV Rio Sul

Viçosa, 19 de novembro de 2010



Your complimentary
use period has ended.
Thank you for using
PDF Complete.

[Click Here to upgrade to
Unlimited Pages and Expanded Features](#)

Journalism and university education é um vídeo reflexões sobre a exigência do diploma em nível superior para o exercício do jornalismo. O trabalho dá voz a estudantes, jornalistas, entidades de classe e também à sociedade em geral. A regulamentação é o ponto de partida da discussão, que termina (ou será que começa?) na importância da formação universitária.

Palavras-chave: Jornalismo; Profissão; Formação Universitária

Abstract: *Diploma for what? Journalism and university education* is an experimental video of personal opinions, which reflects on the diploma requirement at the college level for the practice of journalism. The video gives voice to students, journalists, trade unions and also society in general. The rules are the starting point of the discussion, which ends (or is it starting?) in the university education.

Word Keys: Journalism; Profession; University Education

A realização deste trabalho somente foi possível com a colaboração de algumas pessoas, a quem eu gostaria de prestar o meu agradecimento. Ao pessoal do jornal Tribuna Livre, onde fiz meu primeiro estágio e grandes amigos que me ajudaram em todos os momentos que precisei.

A todas as pessoas que, gratuitamente e com a maior boa vontade do mundo, me abrigaram e me alimentaram nas minhas viagens à São Paulo, Brasília e Juiz de Fora. À Carolina Reis, tia Nô, Mariella Oliveira, Valquíria e família muito obrigada por abrirem as portas de suas casas, pelo carinho e pela amizade.

Maristella Paiva, pelo puxão de orelha e por colocar meus pés no chão e ao mesmo tempo me ajudar a sonhar. Maria Inês, pelas dicas e agradabilíssima companhia nas filmagens do povo fala e das passagens em Viçosa. Thiago Araújo, que esteve atrás da câmera (ou seriam câmeras?) quando eu estive a frente dela e que pacientemente me ensinou todas as ferramentas do Premiere. Aos funcionários do LabCom, Priscila e Jones e aos meus orientadores, Soraya Ferreira e Marcel Ângelo, por me ajudarem tanto nesse trabalho.

À minha família e aos meus amigos que eu não citei, mas que acreditaram em mim e me ajudaram indiretamente nessa aventura interestadual, muito obrigada! O agradecimento mais especial é para Deus, que me deu força, sabedoria, criatividade e paciência. Sem Ele não sou nada e nada disso seria possível.



PDF
Complete

*Your complimentary
use period has ended.
Thank you for using
PDF Complete.*

[Click Here to upgrade to
Unlimited Pages and Expanded Features](#)

• Confie no Senhor de todo o coração e não se apoie na sua própria inteligência.

Lembre-se de Deus em tudo o que fizer, e ele lhe mostrará o caminho certo.

(Pv 3.5)

I. DISCUSSÃO TEÓRICA

1. Introdução	7
2. A profissão no Brasil	9
2.2 Jornalismo: terra de ninguém?	11
3. Academia e mercado: incongruências	13
4. Suspensão da obrigatoriedade do diploma	14
4.1 Jogo de interesses	15
5. Importância da formação universitária	16

II. RELATÓRIO TÉCNICO

6. Pré-produção: pesquisa bibliográfica e seleção das fontes	18
7. Produção: entrevistas	19
7.1 As imagens: enquadramentos e movimentos de câmera	21
8. Pós-produção: edição	21
9. Considerações finais	22
10. Os entrevistados	23
11. Equipe e equipamentos	28
12. Cronograma	28
13. Orçamento	28

III. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 29

IV. ANEXOS 31

1. Introdução

No dia 17 de junho de 2009 o Supremo Tribunal Federal extingue a obrigatoriedade do diploma de nível superior para o exercício do jornalismo. A iniciativa partiu do Sindicato das Empresas de Rádio e Televisão no Estado de São Paulo, que esteve ao lado do Ministério Público no recurso extraordinário que julgou a necessidade do diploma.

Dois entrevistados deste trabalho, o presidente do Sindicato dos Jornalistas Profissionais no Estado de São Paulo e o ex- presidente do Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Distrito Federal, afirmam que por trás dessa decisão existem interesses por parte da elite dona dos meios de comunicação. A ameaça à regulamentação do jornalismo faz com que as entidades profissionais tenham uma precarização das condições de trabalho.

A qualidade do trabalho jornalístico também passa a ser uma preocupação, uma vez que, sem a obrigatoriedade de formação universitária, o mercado abre as portas para pessoas não especializadas.

Entidades patronais e donos de veículos afirmam serem favoráveis à formação acadêmica, no entanto, repudiam qualquer instrumento regulador da profissão, valendo-se do argumento da violação da liberdade de expressão que isso supostamente cause.

O assunto divide opiniões. Para a especialista em direito do trabalho, entrevistada neste trabalho, a Lei permite que norma infraconstitucional regule e restrinja o exercício de determinadas profissões, conforme faz o Decreto-Lei 972 de 1969, que institui a exigência do diploma em nível superior para a aquisição do registro profissional.

Vários entrevistados compartilham a ideia de que a liberdade de expressão é um direito de todo cidadão brasileiro e não apenas dos jornalistas, sendo esses na verdade, necessários para a garantia do referido direito.

Nas ruas, as declarações populares são diversas. Uns demonstram grande entendimento do que seja a profissão de jornalista, outros não. Para alguns a obrigatoriedade do diploma é importante, pois confere credibilidade ao trabalho. Outros parecem não se importar com a questão. Há ainda aqueles que são contra.

sado pelo Supremo tem ligação com uma briga que im da história, é apenas um desfecho parcial, já que a reação para a volta da exigência já começou, uma prova disso é a proposta de Emenda Constitucional nº 33, criada dias depois da decisão. A PEC dos jornalistas, como é chamada, restitui a obrigatoriedade do diploma, deixando-a facultativa para os provisionados, que são aqueles que já obtiveram o registro profissional no Ministério do Trabalho e Emprego e para os colaboradores, que são aqueles que, sem vínculo empregatício, produzam trabalhos de natureza técnica científica e cultural, para serem divulgados com nome e qualificação de quem os criou.

O formato escolhido para abordar o assunto foi a linguagem audiovisual, que, por ser um formato que une texto, som e imagem, amplia as formas de produção de sentido e proporciona o uso da inovação de maneiras diversas.

O vídeo busca abarcar os principais pontos que fazem parte da polêmica em torno do diploma. *Diploma pra quê* mescla características do vídeo documentário, como a duração, o uso de grande número vozes, trilha sonora, levantamento histórico e a principal delas, o uso da opinião.

A reportagem televisiva, principalmente a de telejornais diários na maioria das vezes possui curta duração, um número bem reduzido de fontes, não faz uso de BG no *off*, além de ser um formato em que o repórter jamais exprime a sua opinião.

Diploma pra quê, conforme dito anteriormente, é essencialmente opinativo, sem deixar, no entanto, a pluralidade de vozes e o equilíbrio de opiniões de lado. O posicionamento de quem produziu o vídeo é uma característica marcante e isso fica claro no vídeo.

Para este fim, foi utilizada a técnica da contra argumentação. Os argumentos contrários são o tempo todo desconstruídos pelos favoráveis, que sempre surgem por último.

Sobre o ponto de vista no trabalho audiovisual, Penafria (2008) faz a seguinte observação:

Um documentário é uma obra pessoal e implica uma necessidade da parte do documentarista em expressar algo, em dizer algo sobre determinado assunto. Não se trata de egoísmo ou narcisismo. Documentaristas que fazem filmes pessoais, ou seja, sobre eles próprios, sobre temas que a eles lhe interessam ou sobre temas sobre os quais lhes interessa apresentar a sua visão, estão, obviamente, a apresentar a sua visão pessoal.

e mais, estão a contribuir para o desenvolvimento do (Penafria, 2001)

O vídeo é uma crítica explícita à decisão do Supremo e traz para o debate outra questão que está indissociavelmente atrelada à obrigatoriedade do diploma, que é a importância da formação universitária.

Nesse sentido, o trabalho propõe um estímulo à reflexão sobre essa formação, pois se concluiu que é preciso pensar a sua razão de existir e a maneira como ela foi e tem sido feita e ainda, tratar do que pode e precisa ser feito para que a distância entre academia e mercado de trabalho, entre teoria e prática comece a diminuir.

2. A profissão no Brasil

O jornalismo é uma profissão realizada há dois séculos no Brasil. No ano de 1808, com a chegada da corte portuguesa e também com a criação da *“Gazeta do Rio de Janeiro”*, que é considerado o primeiro jornal publicado no país (Almeida, 1971), se iniciaram as atividades jornalísticas.

A profissionalização do jornalismo no Brasil começou na década de 30 do século passado, com o surgimento de sindicatos e associações e, posteriormente, na década de 40, com a criação dos cursos superiores. O processo é marcado por e tem seus pontos-chave na organização dos sindicatos, nas graduações e, sobretudo, no Decreto-Lei 972 de 1969.

A primeira legislação surgiu em forma de Decreto em 1938, pelo governo de Getúlio Vargas junto com as assessorias dos sindicatos dos jornalistas profissionais do Rio de Janeiro e São Paulo. Segundo Petrarca (2010), esse Decreto de 1938, tinha o objetivo de regulamentar a duração e as condições de trabalho nas empresas jornalísticas e definia as principais funções ocupadas pelos jornalistas.

O primeiro curso de jornalismo foi o da Faculdade de Comunicação Cásper Líbero, criado em 1947. Naquela época, de acordo com o referido pesquisador, havia nas universidades um grande interesse de formar profissionais com capacidade intelectual para intervir na política brasileira. *“Nesse sentido, a universidade tinha como objetivo formar uma elite capaz de organizar e delinear os rumos do país”*. (Petrarca, 2010, p. 89)

ha um caráter mais humanístico e os estudantes formadores e geradores do progresso do país. Essa constatação pode ser verificada na fala do professor de jornalismo Erivam Morais. «Nós entrávamos na faculdade não simplesmente para estudar, mas simplesmente se organizar e desenvolver ações contra o governo». Segundo Petrarca (2010) até a década de 70, nas grades dos cursos superiores não havia ainda disciplinas práticas. História, Geografia, Literatura e Artes eram as matérias básicas.

Somente mais tarde, com a evolução tecnológica, e, conseqüentemente com o aumento da demanda por profissionais com boa qualificação técnica, é que foram introduzidas disciplinas práticas.

Foi nessa época, mais precisamente em 1969, que surge a imposição da obrigatoriedade do diploma para o exercício da profissão e também os cursos de pós-graduação.

Após numerosas marchas e contra-marchas, finalmente foi expedido o Decreto- Lei nº 972, de outubro de 1969, o qual normalizou o assunto. (...) Sem dúvida essa regularização contribuirá fortemente para a estabilização do salário dos jornalistas, pois em que pese o fato de que hoje em dia a situação se apresenta muito mais justa do que há poucos anos, mesmo assim nossos jornalistas de modo geral, são mal e irregularmente remunerados sobretudo nas cidades menores. (Almeida, 1971, p. 19)

A exigência de diploma de nível superior para jornalistas, imposta pelo Decreto- Lei 972, no dia 17 de outubro 1969, em plena ditadura militar, passou a regulamentar a profissão. Segundo Rocha (2008), a competência profissional do jornalista passou a se vista pela sociedade como instrumento fundamental na batalha pela redemocratização do país e pela liberdade de imprensa e de expressão.

Naquela época, a reivindicação profissional apresentava-se como indispensável para a garantia das liberdades. De acordo com os entrevistados desse trabalho, Rodolfo Moura, da Associação Brasileira de Emissoras de Rádio e Televisão e Lúcio Sant'Ana, dono de um jornal impresso da cidade de Viçosa, Minas Gerais, essa reivindicação não é mais vista dessa forma, e sim como uma ameaça à liberdade de imprensa e como uma forma de controle do Estado sobre a atuação profissional.

Entre a corrente de pessoas contrárias à exigência de diploma em nível superior para jornalistas, acredita-se que o jornalismo possa ser feito por especialistas de outras áreas. Por exemplo, para se fazer jornalismo econômico basta que um economista fale, escreva ou apresente o assunto diretamente ao receptor. Seguindo esse raciocínio, o mesmo vale para qualquer outra área (política, cultura, ciência). Sobre isso, Eduardo Meditsch e Ester Kosovski mostram a importância do papel do jornalista, enquanto mediador entre saberes específicos e o público.

O modo de transmissão da uma mensagem é determinante no processo de decodificação da mesma. A comunicação não se completa se a compreensão não se realiza. O domínio da técnica jornalística é o que torna uma informação inteligível. (Meditsch, 1997, p.3)

Para Kosovski, é importante a redação, a apresentação e a elaboração das matérias para que a comunicação atinja seu objetivo de transmitir, veicular, informar e comunicar uma mensagem inteligível para o receptor ou público visado. (Kosovski, 1995, p.27) O jornalista aparece, portanto, como uma espécie de tradutor de saberes específicos para a sociedade. Meditsch vai além e afirma que no processo de produção jornalística ocorre uma reprodução do conhecimento mais complexa que sua simples transmissão. (Meditsch, 1997, p.3)

Quando um repórter escreve uma notícia ele pratica uma atividade de interpretação de determinado acontecimento. Meditsch cita Park, (1940) e observa que o jornalismo realiza para o público as mesmas funções que a percepção realiza para os indivíduos.

Pode-se dizer que o jornalista digere, interpreta, filtra e traduz as informações antes de transmiti-las. E essa é sua função mais básica: passar a mensagem de maneira que ela possa ser compreendida pelo público. Decifrar o econômico, explicar descobertas científicas, contar o que viu com fidelidade e precisão. Eis aqui o desafio constante dos profissionais da área.

Além disso, com a revolução digital (Ramonet, 2009, p. 244) e o surgimento das novas tecnologias, que proporcionam uma imensurável disponibilidade de informações

a informação bem passada, o jornalista de hoje tem
nente e de maneira interessante, em relação ao fato

apresentado.

Podéramos, há dez anos, falar dos meios de comunicação como um universo fechado, com sua própria lógica, com sua própria dinâmica, autônomo em relação ao resto do universo da comunicação, mas hoje isso não é mais possível. (Ramonet, 2009, p. 244)

Nunca o modo como fazer foi tão decisivo para chamar a atenção do público quanto hoje. Se antes as pessoas liam jornais para saberem o que estava acontecendo, hoje a tendência é que elas procurem cada vez mais nesses veículos interpretações, explicações e até posicionamentos.

O jornalista está fazendo notícias para um público menos ingênuo que anos atrás, antes da revolução digital. Seu poder de dono da notícia já lhe foi tirado rápida e agressivamente pela internet há muito tempo. No entanto essa divisão (e diminuição) do poder do jornalista não implica em menos responsabilidade.

Essa análise nos permite concluir que os veículos de comunicação carecem de maior autoanálise e reflexão sobre o seu papel e seu discurso, à proporção que novas formas e veículos são incorporados com maior abrangência, poder e liberdade. Cresce a sua responsabilidade. (Kosovski (1995, p. 31)

Seguindo este pensamento Marcondes Filho (2002, p. 63) cita Guillaumin:

É uma profissão que exige cada vez mais competências, e em cada vez mais domínios, por que o real é cada vez mais complexo. Cada vez mais se é bombardeado com informações. É preciso decodificá-las, decriptá-las, mesmo invertê-las, e é certo que quanto mais os jornalistas forem preparados, mais terão o sentido da espessura histórica das coisas, mais estarão ao abrigo dos erros. (Guillaumin, 1994, 14 apud Filho, 2002, p. 63)

Diante dessa realidade cada vez mais complexa, como define Guillaumin, o preparo e, portanto, a formação do jornalista tornam-se requisitos cada vez mais importantes. O contexto atual não permite que os profissionais comecem a trabalhar sem antes passar por um processo de reflexão sobre a prática. Nesse sentido, a pesquisadora Paula Rocha afirma que

jornalismo não se restringe a um dom pessoal, ele é uma metodologia na prática profissional. O diário do profissional, desde apuração da pauta até a ida a campo, exige um procedimento metodológico, que será mais valorizado se for fruto de uma reflexão lógica. Esse conhecimento também deveria ser mais explorado na formação do profissional. (Rocha, 2008, p.9)

Conforme explica o entrevistado desse trabalho de conclusão de curso, Virgílio Gruppi, que é chefe de produção de uma emissora de televisão afiliada da Rede Globo, "quando você tem uma redação mecânica, como se diz no futebol, você já entra jogando e aí a coisa é um pouquinho mais diferente. (...) Não, não é assim. Você precisa de qualificação. O jornalismo não é uma profissão que deva ser praticada sem uma reflexão prévia. Não se pode entrar jogando nessa profissão, conforme disse o entrevistado.

Dessa forma, o mercado de trabalho não proporciona e não permite essa reflexão, e sim a universidade. Durante o curso de graduação, que dura cerca de quatro anos, é possível aprender e praticar, através dos laboratórios, as técnicas que o mercado exige, porém, sem a pressão do *deadline*.

Vale lembrar que é possível e não que isso efetivamente aconteça. Existem universidades que ainda não têm laboratórios adequados e muitos cursos não oferecem o devido preparo. Isso pode ser verificado na fala do entrevistado, Lucio Vaz, jornalista do *Correio Braziliense*: "(...) eu acho que a gente deve discutir os currículos dos cursos de comunicação, que estão muitas vezes defasados, desatualizados, as faculdades não estão preparadas, não têm laboratórios bons.

No entanto, há universidades bem preparadas e equipadas, tanto profissionalmente, quanto em termos estruturais, para oferecer o ensino do jornalismo de maneira satisfatória. Ter limitações não tira da faculdade de jornalismo a sua importância. Nesse sentido, Lucio Vaz conclui seu pensamento mais adiante: "(...) o curso (de jornalismo) é essencial para quem quer exercer a profissão.

3. Academia e mercado: incongruências

O estudo do jornalismo e a sua prática ainda não construíram um diálogo sólido entre si, como ressalta a pesquisadora, Aline Strelow, quando afirma que o pesquisador pensa o jornalismo sem olhar o jornalista e o jornalista executa sua função sem refletir

hamente contraditório pensar que dois espaços de próximos e complementares coexistam e se desenvolvam separadamente. A pesquisa e a prática devem interagir. Uma deve contribuir para a existência da outra, e, apesar de aquela ter amadurecido consideravelmente com o passar dos anos,

(...) ainda não conseguimos estabelecer um diálogo entre nossas pesquisas e o mercado jornalístico profissional. Não há dúvida de que estamos tratando de dois espaços distintos de construção do conhecimento ó o campo da pesquisa em jornalismo e o campo do jornalismo em si. (Strelow, 2009, p.4)

O distanciamento existente entre as duas áreas, academia e mercado, tem sua parcela de responsabilidade na dificuldade que o jornalismo tem em se afirmar enquanto profissão. Essa distância contribui para que os cursos superiores da área sejam vistos como desnecessários para a prática profissional, e, portanto, a posse do diploma universitário perde a sua razão de ser. Se há um desencontro entre o que é ensinado nas salas de aula e o que é praticado nas redações, a graduação passa a ter sua validade questionada.

É pretensioso pensar em tentar fazer com que os cursos de graduação sejam perfeita e completamente adequados à realidade do mercado. No entanto eles devem ter a proximidade que permita uma boa formação aos estudantes. Ensino e prática precisam estar alinhados para que a necessidade e a validade do primeiro sejam reconhecidas para a segunda.

Insuficiências e defasagens curriculares têm, ainda que indiretamente e aparentemente distante, sua contribuição para a queda da obrigatoriedade do diploma, uma vez que essa exigência só pode existir se, antes de tudo, a importância dos cursos superiores for inquestionavelmente constatada, conforme ocorre em outras áreas como medicina, engenharia e direito.

4. Suspensão da obrigatoriedade do diploma

A suspensão da obrigatoriedade do diploma foi feita a partir do julgamento de um Recurso Extraordinário feito pelo Supremo Tribunal Federal, no qual estão envolvidos o Sindicato das Empresas de Rádio e Televisão no Estado de São Paulo, a Federação Nacional dos Jornalistas e o Sindicato dos Jornalistas Profissionais no Estado

assistente simples do Ministério Público Federal, o assistentes simples da União, a ré.

A decisão foi tomada em junho de 2009 após a votação dos nove ministros do STF presentes na ocasião, sendo que apenas um deles, votou em favor da permanência da obrigatoriedade.

No relatório da ação, o ministro Gilmar Mendes argumenta que, a norma infraconstitucional, o Decreto-Lei 972 / 69, ao determinar condições para o exercício da profissão, viola o direito à liberdade de expressão, um direito garantido pela própria Constituição.

O referido ministro considera o jornalismo como õuma atividade intelectual, desprovida de especificidade que exija diploma para seu exercícioõ e acrescenta que õa profissão de jornalista, por não implicar riscos à saúde ou à vida dos cidadãos em geral, não poderia ser objeto de exigências quanto às condições de capacidade técnica para o seu exercícioõ.

De encontro com o pensamento do relator, a realização deste trabalho nos permite concluir que o jornalismo é uma atividade que requer conhecimento de saberes e domínio de técnicas específicas, e, para tanto, existem os cursos de graduação na área. Além disso, se mal praticado pode causar danos incalculáveis e às vezes irreversíveis, não à saúde, mas, por exemplo, à reputação das pessoas, e isso constitui um risco à vida dos cidadãos em geral.

4.1 Jogo de interesses

Inicialmente, é válido frisar que a polêmica em torno da obrigatoriedade do diploma não é recente, ela tem décadas. Conforme explica o entrevistado do presente trabalho, Celso Schröder, presidente da Federação Nacional dos Jornalistas, õdurante muitos anos essa obrigatoriedade foi descumprida sem precisar de nenhuma decisão judicial. Eles simplesmente descumpriam, com o Ministério do Trabalho completamente desmantelado, principalmente depois do governo Collor, e uma fiscalização ineficiente ou nenhuma fiscalização. (...) então já tínhamos um descumprimento da lei, mas com a decisão isso ficou reforçadoõ.

Para o entrevistado, José Augusto Camargo, presidente do Sindicato dos Jornalistas Profissionais no Estado de São Paulo, dois interesses principais estão por trás da decisão que suspendeu a exigência do diploma. õO interesse econômico de quem

esse pessoal, (...) vaidade de pessoas que querem se juntou uma série de situações que fomentou essa

ação.

Segundo o presidente da entidade de classe há um interesse econômico por parte dos empresários. Ao contratar pessoas não registradas, a determinação do salário fica exclusivamente a cargo dos próprios empresários, o que não pode ocorrer ao se contratar um jornalista devidamente registrado no Ministério do Trabalho e, portanto, portador do diploma, uma vez o empregador será obrigado a respeitar os direitos da categoria, como piso salarial, jornada de trabalho e férias.

Dessa forma, o interesse pessoal partiria dos profissionais das mais diversas áreas de atuação e com as mais variadas formações, que desenvolvem atividades jornalísticas e que, insatisfeitos com o título de colaborador, desejariam ter os mesmos direitos que jornalistas.

É válido explicar que, conforme explica o senador Antônio Valadares, autor da Proposta de Emenda Constitucional nº 33 de 2009, que restitui a obrigatoriedade do diploma para o exercício da profissão, colaborador é o aquele que, sem relação de emprego, produz trabalho de natureza técnica, científica ou cultural, relacionado com sua especialização, para ser divulgado com nome e qualificação do autor.

5. Importância da formação universitária

Desde que começaram a se formar, na primeira metade do século passado, até pouco antes da revolução digital, as redações se estruturavam de uma maneira diferente da atual. Não havia a internet e também não havia tanta pressão sobre a produção do jornalista em função de um *deadline*.

O crescimento do mercado das comunicações impulsionou o surgimento de cursos de graduação em comunicação e jornalismo. Segundo Lago e Romancini (2007, p. 121) na década de 1970 havia 58 cursos superiores no país. Vinte anos depois esse número duplica e chega a 120. Hoje o Brasil tem cerca de 400 faculdades de jornalismo, o que significa uma média anual de 16 mil jornalistas recém-formados no mercado de trabalho.

De acordo com o entrevistado José Augusto Camargo, presidente do Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Estado de São Paulo, o jornalista experiente tinha tempo de ensinar o novo profissional a fazer jornalismo com qualidade. Algo que nos dias

ção da velocidade com a qual as notícias precisam
ado, ãAntigamente nas redações tinha isso. Tinha
uma certa mistura, que mal comparando claro, fazendo aí uma analogia mais simbólica
do que efetiva, era como se fosse a relação entre o mestre de ofício e o aprendiz.

Hoje, para que uma pessoa aprenda a fazer jornalismo, a passagem pela
universidade é imprescindível. Com a escassez de tempo nas redações, um indivíduo
que não tem curso superior de jornalismo não terá tempo para aprender conhecimentos
fundamentais.

Jornalismo não é só técnica e não pode ser aprendido somente na prática das
redações. A prática não ensina tudo que um profissional precisa saber. A pesquisa é
necessária, uma vez que ela proporciona conhecimento e compreensão dos fenômenos
de cada área. No caso do jornalismo, a compreensão dos fenômenos sociais é importante
e não pode ser adquirida num ambiente de trabalho, muitas vezes estressante como as
redações. Por isso a importância das escolas.

O jornalista, pela função social que exerce, não deve ser um mero narrador dos
fatos, ele deve ser capaz de compreender o mundo complexo em que vive e as razões de
cada acontecimento.

O ato de informação na imprensa é acompanhado por uma
estratégia de comunicação. Muitas vezes, ele tem que ir à
contramão das idéias do público alvo. Por isso, a necessidade de
ter profissionais preparados, cientes da sua relevância social e
do contexto histórico, atuando na transmissão dessas
informações. (Rocha, 2008, p.4)

Todo meio de comunicação de massa exerce influências, sejam elas diretas ou
indiretas, na vida das pessoas. De acordo com o entrevistado, Celso Schröder,
presidente da Fenaj, ã(...) o jornalismo é uma profissão necessária. Ela é indispensável
para a democracia. Virgílio Gruppi, jornalista e chefe de produção de uma emissora de
televisão, considera o jornalismo ãuma profissão absolutamente essencial para a
sociedade, para o funcionamento da sociedade. (...) Você precisa ter acesso a
informação para que você tenha esclarecimento das coisas mais básicas da vida.ã.
Portanto, quem está trabalhando nesta área deve ter ética e competência técnica
específica para isso.

Um jornalista ignorante e bem intencionado é um perigo sob o
ponto de vista deontológico. É pelo menos tão perigoso como

víduo inteligente e conhecedor das técnicas que veja em r "tablóide" uma oportunidade para a prática seletiva do ato de caráter. (Correia, 1998)

Diante disso, é um equívoco pensar que jornalismo possa ser aprendido sem a passagem pela universidade. Jornalismo não é somente prática, nem tampouco teoria. Ele deve ser feito a partir da união entre ambas as partes.

II. RELATÓRIO TÉCNICO

6. Pré-produção: pesquisa bibliográfica e seleção das fontes

As fontes se dividem inicialmente em dois grupos: os favoráveis e os contrários à obrigatoriedade do diploma e se subdividem em profissionais, empresários, estudantes e sociedade. A reportagem contém entrevistados de Viçosa, Juiz de Fora, São Paulo e Brasília. Ao todo foram entrevistadas 37 pessoas, sendo oito destas um ôpovo falaö (Watts, 1990, p. 217) realizado no Distrito Federal e nove em Viçosa.

Algumas fontes como o fotojornalista Humberto Nicoline, o primeiro fotojornalista diplomado da cidade de Juiz de Fora, e o chefe de produção de uma emissora de televisão, Virgílio Gruppi, foram indicações dos orientadores do trabalho.

A partir de uma leitura minuciosa do relatório final do recurso extraordinário que deu fim à exigência do diploma, feito pelo ministro do Supremo Tribunal Federal Gilmar Mendes, foram encontrados o Sindicato dos Jornalistas Profissionais no Estado de São Paulo (SJSP), a Federação Nacional dos Jornalistas (Fenaj) e o Sindicato das Empresas de Rádio e Televisão no Estado de São Paulo (Sertesp). Esse último aparece ao lado do autor do processo, o Ministério Público Federal e os dois primeiros ao lado da ré, a União.

O contato inicial com as fontes foi feito via e-mail e posteriormente por telefone. Antes de cada entrevista os roteiros com as perguntas eram elaborados em um pequeno bloco, que continham também um ôarquivo de ideiasö. (Watts, 1990, p. 24)

Apenas o Sertesp se recusou a participar, alegando ser a Associação Brasileira de Emissoras de Rádio e Televisão (Abert) a responsável pela concessão de entrevistas sobre o assunto. Vale destacar que essa resposta negativa veio após várias tentativas e ligações.

idência da associação, conforme aconteceu com as melhor que o presidente de uma entidade de classe para representá-la. Porém o que se conseguiu foi a entrevista com o diretor de assuntos legais, Rodolfo Moura, o que foi significativo e não causou qualquer prejuízo ao trabalho. Pelo contrário, o advogado da entidade, forneceu informações de grande valia sobre o tema.

7. Produção: entrevistas

As entrevistas com o presidente da Fenaj, Celso Schröder e com o diretor de assuntos legais da Abert tiveram de ser gravadas em Brasília, onde ficam as sedes das entidades. A viagem feita no dia 7 de outubro de 2010 foi uma boa oportunidade para entrevistar profissionais e fazer um povo fala no Distrito Federal. Eu não havia agendado previamente nem estava nos meus planos uma visita ao *Correio Braziliense*, um dos jornais mais antigos do país.

No dia em que cheguei, fui despreziosamente à sede do periódico. Não esperava uma recepção tão positiva. Acabei entrevistando jornalistas experientes como Lúcio Vaz, Leonardo Cavalcanti, Baptista de Almeida e Romário Schettino sendo este último ex-presidente do Sindicato dos Jornalistas do Distrito Federal.

O povo fala na Praça dos Três Poderes tampouco estava nos planos. Não que eu não quisesse fazê-lo, pelo contrário, a ideia existia desde o princípio do trabalho. O empecilho era o fato de eu estar sozinha, com uma grande mochila e com uma não muito leve filmadora, motivo que impediu também o porte de um tripé. Fato que explica o microfone na mão dos entrevistados. Após uma breve apresentação minha e uma aceitação das pessoas em ceder as falas eu passava o microfone a elas e clicava o recô. Tentei enquadrá-las sempre com a sede do STF ao fundo, já que a decisão que motivou a realização do presente trabalho saiu de lá.

O *vox populi* ou declarações populares ou o povo fala é uma coleta de depoimentos gravados nas ruas com um grupo heterogêneo de pessoas (jovens, idosos, homens, mulheres). Segundo Harris Watts, produtor e diretor da BBC, emissora inglesa com experiência mundialmente reconhecida no ramo, os espectadores são o povo e a opinião pública é, por isso, importante. (Watts, 1990, p. 217)

É válido ressaltar que se o assunto é polêmico, se faz necessário saber quais são as opiniões, não somente de especialistas, mas também do público. Mais adiante Watts

técnica simples, que se for bem executada dará de vida. (Watts, 1990, p. 218)

A participação do povo de uma maneira geral foi compreendida como imprescindível à realização deste trabalho, uma vez que é para o público que se faz jornalismo. Este não existe sem aquele e nada mais lógico e coerente que ouvi-lo. Além disso, conforme explica o referido autor inglês, a participação popular gera uma pausa agradável entre as opiniões de todos aqueles *experts* e autoridades.

A ideia não foi comprovar hipóteses ou tirar conclusões, mas mostrar que na sociedade existem tanto pessoas contrárias, quanto favoráveis a algo que regule a atuação profissional do jornalismo. Por esse motivo, o povo fala aparece de maneira equilibrada, através da contraposição de falas. Dessa forma, procurou-se obter um equilíbrio entre sonoras favoráveis e contrárias ao diploma.

Vale ressaltar também que, embora a coleta de declarações populares realizada nas ruas não represente dados para fins científicos, a maioria das pessoas se mostrou favorável à obrigatoriedade.

Por onde eu passava eu fazia um bom número de imagens, pensando sempre na cobertura do meu *off*, ou narração. Nesses momentos em minha mente vinham as dicas de Harris Watts, Doc Comparato e Jackson Saboya. Eu me perguntava sempre: o que quero dizer com essa imagem?

A opção pelos grupos de discussão (Thornton, 2005) nas universidades Federal de Juiz de Fora e de Viçosa se deu em função da riqueza de informações que a entrevista com várias pessoas pode proporcionar.

Inicialmente foi feita a entrevista com o grupo da UFJF, com quatro estudantes do quarto e quinto período. O número sugerido por Thornton (2005, p. 34) para a realização da técnica para fins acadêmicos é de seis a oito pessoas. Portanto, o número foi próximo da indicação.

Posteriormente foi feito o grupo de discussão com quatro estudantes da UFV, só que dessa vez os estudantes eram mais velhos, três formandos e uma aluna do sexto período. Nesse último eu experimentei incluir a presença de dois professores experientes, para fomentar a discussão.

A técnica utilizada é semelhante aos grupos focais utilizados por pesquisadores em investigações qualitativas. Thornton (2005, p. 18) enumera uma série de vantagens sobre a utilização do método, dentre as quais vale destacar a interação entre os componentes e a flexibilidade para explorar situações inesperadas, que podem gerar

. Nas palavras do autor, a técnica ãerecolhe dados da
lexível, possui alta validade subjetiva, oferece uma
interação importante entre os membros em um período curto, o qual permite resultados
relativamente rápidos a um custo razoável. (Thornton, 2005, p. 21)

7.1 As imagens: enquadramentos e movimentos de câmara

Para mostrar os ambientes de trabalho e estudos como redações, assessorias, salas de aula e laboratórios, foram feitos movimentos horizontais com a câmara, chamados de *pan*. Na maioria das vezes da esquerda para direita, obedecendo nossa leitura ocidental, porém o contrário também foi experimentado.

Os entrevistados foram encaixados à esquerda ou a direita do vídeo. Houve ainda o cuidado em dar espaço para o olhar do entrevistado. Informação e estética foram duas preocupações que guiaram essa prática.

Algumas entrevistas foram feitas com enquadramento mais fechado, dando destaque ao rosto da pessoa, como, por exemplo, com a professora Mirna Tonus. Outras, como no caso do presidente do SJSP, José Augusto Camargo, a filmagem foi feita em um plano mais aberto, pois a intenção era mostrar o ambiente, que era bastante rico em informações, como cartazes de campanhas pela formação do jornalista.

O trabalho teve algumas limitações, como iluminação nem sempre ideal, escassez de tempo dos entrevistados, impossibilidade de levar alguns materiais, como tripé e iluminação. A necessidade de viagens a três estados do país demandou tempo, planejamento e gastos. No entanto, tudo isso foi de grande valia para minha formação profissional e pessoal.

8. Pós-produção: edição

A edição do vídeo foi feita no programa Adobe Premiere, na terceira versão. Foi um processo longo, demorado e trabalhoso. O processo de edição tinha início na entrevista. Quando o entrevistado falava, era feito um ãecorte mental, uma seleção do que iria para o vídeo. Algumas entrevistas duraram 50 minutos, outras não passaram de 15. A duração das entrevistas variou entre 10 e 50 minutos.

O corte das sonoras obedeceu à seguinte regra: passou a ideia, corte. No momento em que o entrevistado completa seu raciocínio e a mensagem é passada, o

mpactantes foram privilegiadas. Isto é, procurou-se
ocar reflexão.

Alguns autores discutem o momento ideal do corte. Através da leitura de Jackson Saboya encontra-se a seguinte explicação: «Por um consenso, o momento do corte passou a ser (...) exatamente na hora em que se passou para a audiência a intenção de uma ação». (Saboya, 1992, p. 52) Logo adiante, o autor esclarece: «Isso faz com que a audiência receba as informações com marcações fortes, onde a dúvida não será mais o problema do autor-roteirista». (Saboya, 1992, p. 55)

Foram utilizados alguns efeitos, como os *fades*, tanto de áudio, quanto de imagem, entre as sonoras. Todos os efeitos utilizados no vídeo são considerados por Saboya (1992) primários, ou seja, próximos do real, aquilo que nossos olhos podem fazer.

O vídeo foi todo elaborado como uma trilha sonora de música eletrônica, cujas batidas deram ritmo e emoção na dose certa. As músicas todas são de autoria do músico Paulo Sacramento, que as disponibiliza gratuitamente na Internet.

Antes de ficar pronto foi postado no site de vídeos gratuito, o Youtube, uma prévia do que seria o vídeo, contendo uma vinheta e uma breve apresentação. Essa estratégia, chamada de *teaser* tem o objetivo de criar uma expectativa no público.

9. Considerações finais

O jornalismo, apesar de ser uma profissão praticada há dois séculos no país, ainda não conseguiu adquirir uma regulamentação consolidada, estável. A exigência de diploma em nível superior para o seu exercício, instituída pelo Decreto-Lei 972 em 1969, ainda é discutida e gera polêmicas. A suspensão desse Decreto revela que para muitas pessoas fazer jornalismo não necessite obrigatoriamente de uma passagem pela universidade.

É importante frisar que nenhum entrevistado contrário à obrigatoriedade do diploma deixou de reconhecer a importância dos cursos de jornalismo, no entanto, eles não acreditam que a graduação seja etapa determinante na qualidade do trabalho praticado e questionam a qualidade dos próprios cursos superiores na área.

São inúmeras as questões que envolvem a polêmica do diploma, como condições de trabalho, conflito de interesses entre profissionais e donos dos meios de

Mas falar em obrigatoriedade é falar em formação

Dessa forma, a discussão caminha para uma questão totalmente ligada a exigência do diploma que é a formação universitária. A partir da realização desse trabalho se pôde concluir que, apesar de uma notável distância entre teoria e prática do jornalismo, a passagem pela universidade não pode ser vista como facultativa para o exercício da profissão.

É válido lembrar que décadas atrás, quando não existia a Internet e os meios de comunicação nem sonhavam com a alta velocidade de circulação e com a imensa demanda informacional que a revolução digital provocou, era possível que o jornalista se formasse dentro de uma redação, mesmo sem passar pela universidade, que era mais vista como um lugar de formação de mentes que pudessem alterar os rumos do país, do que de formação de profissionais aptos a dominarem parafernalias tecnológicas.

Hoje, as redações e o mercado de trabalho demonstram incompetência para formar bons jornalistas. O *deadline* não é o mesmo, a demanda por notícias cresceu e os meios de comunicação têm cada vez mais presença na vida das pessoas. Portanto, não se pode permitir que o jornalista já "entre em campo jogando" sem antes fazer um treinamento e passar um preparo profissional e ético, que somente a universidade proporciona.

Fazer um curso superior de jornalismo não garante um bom profissional, isso depende de como o aspirante a jornalista vai utilizar e aproveitar tudo o que é ensinado nas salas de aula. A universidade pode não ser garantia disso, mas ela é o caminho.

Fazer este trabalho não foi uma tarefa de fácil execução, porém muito rica no que diz respeito à experiência adquirida. Todo jornalista deve ter essa habilidade em se comunicar e extrair das pessoas o que precisa saber. Fazer essa filmagem me proporcionou unir as técnicas de cinegrafia e entrevista concomitantemente. E nesse momento eu percebi a importância do trabalho experimental: amadurecimento e oportunidade de prática com inovação.

10. Os entrevistados (por ordem alfabética)

Amanda Antunes

Estudante do 5º período de jornalismo da Universidade Federal de Juiz de Fora.



o da Universidade Federal de Juiz de Fora.

André Pacheco

Estudante do 8º período de jornalismo da Universidade Federal de Viçosa.

Celso Schröder

Presidente da Federação Nacional dos Jornalistas, professor do curso de Jornalismo da PUC/RS, coordenador-geral do Fórum Nacional pela Democratização da Comunicação e presidente da Federação dos Jornalistas da América Latina e Caribe. Cartunista e ilustrador desde 1974, é chargista desde 1986 no jornal *Correio do Povo*, do qual está licenciado. Foi presidente do Sindicato dos Jornalistas do Rio Grande do Sul por três mandatos e integrou o Conselho de Comunicação Social do Congresso Nacional representando a FENAJ.

Baptista de Almeida

Jornalista do *Correio Braziliense*.

Erivam Moraes

Erivam de Oliveira é mestre em Ciências da Comunicação pela USP. Ingressou na UFV como professor em junho de 2009. O professor já trabalhou nas rádios América, Nacional (atual Globo de São Paulo), Excelsior (atual CBN) e Capital; TV's Ribeirão e Globo de São Paulo; revistas *Semanário* e *Contigo*; jornais *Diário Popular* (atual *Diário de São Paulo*) e *O Globo*. Atuou como professor, coordenador e chefe de departamento da Faculdade Cásper Líbero, Uni Sant'Anna, Uni Belas Artes, Universidade Anhembi Morumbi, Universidade de Sorocaba e dos cursos técnicos e livre do Senac-SP. É vice-presidente (cargo eletivo) da Casa Arte Cidadania.

Humberto Nicoline

É fotojornalista formado pela Universidade Federal de Juiz de Fora, em 1981. Trabalhou nos jornais *Tribuna de Minas* e *Panorama*, ambos de Juiz de Fora, no jornal *Hoje em Dia* de Belo Horizonte e na revista cultural *DøLira*. Foi premiado em concursos de fotografia nacionais e internacionais. Atuou em coberturas jornalísticas em todo o território nacional e também em países da América do Sul, África e Europa. Foi vice-

tas Profissionais de Juiz de Fora e da Associação
ematográficos de Minas Gerais. Hoje trabalha na
assessoria de imprensa da Prefeitura de Juiz de Fora.

Joaquim Lannes

Joaquim Lannes é doutor em Comunicação e Cultura pela UFRJ. Ingressou na UFV como professor em 2006. Atualmente é coordenador dos projetos: "Figurinhas da Crônica Esportiva Brasileira" e "Jornal e Cidadania em Sala de Aula". Lannes é o atual editor do jornal-laboratório do curso, o *Outro Olhar*. O professor já atuou no "Jornal dos Sports" e desenvolveu trabalhos de assessoria de imprensa. Além disso trabalhou em diversas revistas especializadas, como "Máquinas & Ferramentas", "Petro & Química" e "HotelNews". Lannes trabalhou também em diversas instituições de ensino, entre elas, Universidade Gama Filho (UGF), Universidade Castelo Branco (UCB), Centro Universitário de Barra Mansa (UBM), Universidade Presidente Antônio Carlos (UNIPAC) e Universidade para Desenvolvimento do Estado e da Região do Pantanal (UNIDERP).

José Augusto Camargo

É o atual presidente do Sindicato dos Jornalistas de São Paulo e diretor do departamento de Saúde e Previdência da FENAJ. Trabalhou como diagramador do *Diário Popular*, *Gazeta Mercantil*, *Shopping News*, *DCI*, *Diário do Comércio* e de jornais sindicais e associações. Participou do Conselho Estadual de Saúde de SP como representante da CUT onde foi coordenador da Comissão Técnica de Saúde do Trabalhador.

João Albuquerque

Estudante de jornalismo da Universidade Federal de Juiz de Fora.

Kívia Oliveira

Estudante do 6º período de jornalismo da Universidade Federal de Viçosa.

Luan Henriques

Estudante do 8º período de jornalismo da Universidade Federal de Viçosa.

Maristela Leão

Leonardo Cavalcanti

Leonardo Cavalcanti, 37 anos, é editor do *Correio Braziliense*. Em 2008, foi vencedor das Bercas Avina, apoiada pela Fundación Nuevo Periodismo Iberoamericano, com õA lenta morte da floresta do marö. As notas receberam os prêmios Embratel e o CNT, em 2009. Em outubro do mesmo ano, foi um dos 14 jornalistas selecionados para o curso de Narcotrãfico e Violência - promovido pela FNPI na Cidade do México. É fundador da Rede de Jornalistas Judiciais, ligada à fundação presidida por García Márquez. Em 1999, recebeu o Prêmio Vladimir Herzog com o õCrime da Novacapö. E, em 2003, foi finalista do Prêmio Esso com õVenda sentenças no TJDFö. Pós-graduação em Comunicação e especialista em Ciência Política, ambos pela UnB, foi professor de Política e Multimídia do curso de Jornalismo do Iesb. É também fotógrafo, com curso de extensão pela UnB.

Lucio Vaz

Trabalha há 33 anos como jornalista, sendo 25 deles em Brasília. Trabalhou nos jornais *Folha de S.Paulo* (durante 13 anos), *O Globo*, *Estado de Minas* e hoje atua no *Correio Braziliense*. Jornalista investigativo, se dedicou por 20 anos à cobertura do submundo da política. Nos últimos anos, investiu mais na cobertura de casos de corrupção, desvio de verbas públicas e fraudes em licitações nos três poderes. Recebeu o Prêmio Imprensa Embratel e o Prêmio Latino Americano de Reportagem Investigativa, concorrendo com reportagens do México, Caribe, América Central e América do Sul.

Lúcio SantøAna

É administrador de empresas e sua trajetória no jornalismo vem desde dezembro de 1985, quando fundou e lançou o jornal *Tribuna Livre*. Portanto, está na área há 25 anos. Desde 1983 atua como professor de Português e Redação, atualmente apenas no Curso Filadélfia, instituição que dirige.

Luiza Bravo

Estudante do 4º período de jornalismo da Universidade Federal de Juiz de Fora.

rsidade Metodista de Piracicaba (1991), mestre em Educação pela Universidade Metodista de Piracicaba (1998) e doutora em Multimeios pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Atualmente, é professora adjunta nível I, dedicação exclusiva, da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), no curso de Comunicação Social (habilitação Jornalismo). Tem 22 anos de experiência na área de Comunicação, tendo atuado em jornal, rádio, Internet, assessoria de comunicação, e pesquisa de mercado e opinião, com ênfase em Pesquisa em Comunicação e Tecnologias da Informação e Comunicação, principalmente nos seguintes temas: comunicação, mídia, tecnologia, jornalismo e educação. É vice-presidente do Fórum Nacional de Professores de Jornalismo (FNPJ), gestão 2010-2012. Membro do GT Campanha em Defesa da Profissão/Regulamentação do Jornalismo desde 2008.

Roberta Guerra

É Mestre em Direito do Trabalho pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Especialista em Direito do Trabalho e Processual do Trabalho pela Faculdade Estácio de Sá. Bacharela em Direito pela Universidade Federal de Viçosa, Viçosa-MG . Tem experiência nas áreas de Direito do Trabalho, Direito Processual do Trabalho e Direito Previdenciário.

Romário Schettino

Ex-presidente do Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Distrito Federal.

Rodolfo Moura

Diretor de Assuntos Legais da Associação Brasileira das Emissoras de Rádio e Televisão (Abert).

Virgílio Gruppi

Jornalista, chefe de produção da emissora juiz-forana TV Panorama.

Equipe:

Marcela Sia: produção, entrevistas, narração, passagens, cinegrafia e edição.

Thiago Araújo: cinegrafia das passagens e povo fala em Viçosa.

Equipamentos:

Câmera filmadora profissional Sony HDV

Microfone de lapela sem fio Sony

Fitas tipo mini DV Sony e Panasonic

12. Cronograma

	Agosto	Setembro	Outubro	Novembro
Pré-produção e pesquisa bibliográfica	X			
Produção, gravação das entrevistas		X	X	
Roteiro			X	
Edição			X	
Apresentação				X

13. Orçamento

Materiais	Gastos R\$
7 fitas mini DV (3 Sony, 4 Panasonic)	R\$ 70,00
Passagens rodoviárias de ida e volta Viçosa-Juiz de Fora	R\$ 70,00
Passagens rodoviárias de ida e volta Viçosa-São Paulo	R\$ 208,00
Passagens rodoviárias de ida e volta Viçosa-Brasília	R\$ 274,00
Total	R\$ 622,00

ALMEIDA, Mauro. **A Comunicação de Massa no Brasil**. Belo Horizonte: Edições Júpiter, 1971. 144 p.

COMPARATO, Doc. **Roteiro: arte e técnica de escrever para cinema e televisão**. Rio de Janeiro: Nórdica, 1993. 262 p.

FILHO, Ciro M. **Comunicação e Jornalismo. A saga dos cães perdidos**. São Paulo: Hacker Editores, 2002. 164 p.

GUILLAUMIN, Claude. **Faut-il brûler les journalistes?** Paris, Eds. Julliard, 1994. Apud FILHO, Ciro M. **Comunicação e Jornalismo. A saga dos cães perdidos**. São Paulo: Hacker Editores, 2002. 164 p.

KOSOVISK, Ester. **Ética, imprensa e responsabilidade social**. In **Ética na Comunicação**. Ester Kosovski (org.) Rio de Janeiro: Mauad, 1995. P. 25-38.

LAGO, Cláudia e ROMANCINI, Richard. **História do Jornalismo no Brasil**. Florianópolis: Insular, 2007. 280 p.

MEDITSCH, Eduardo. **O Jornalismo é uma forma de conhecimento?** 1997. Disponível em: <http://www.bocc.uff.br/pag/meditsch-eduardo-jornalismo-conhecimento.pdf> acesso no dia 8 de agosto de 2010

PENAFRIA, Manuela. **O ponto de vista no filme documentário**. 2001. Disponível em: <http://www.bocc.uff.br/pag/penafria-manuela-ponto-vista-doc.pdf> acesso no dia 8 de agosto de 2010

PARK, Robert. 1940 **A Notícia como Conhecimento: Um capítulo da Sociologia do Conhecimento**. Trad. Bras. In STEINBERG, Charles: **Meios de Comunicação de Massa**: São Paulo, Cultrix. Apud MEDITSCH, Eduardo. **O Jornalismo é uma forma de conhecimento?**

PETRARCA, Fernanda R. **Construção do Estado, esfera política e profissionalização do jornalismo no Brasil**. 2010. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-44782010000100006&lang=pt acesso no dia 8 de agosto de 2010

RAMONET, Ignacio. **O poder midiático**. In **Por uma outra Comunicação: mídia, mundialização cultural e poder**. Dênis de Moraes (org.) 4ed. Rio de Janeiro: Record, 2009. P.243 -252.

ROCHA, Paula M. **A importância da formação profissional do jornalista e sua relação com o meio ambiente social no século XXI**. 2008. Disponível em: <http://www.bocc.uff.br/pag/rocha-paula-importancia-da-formacao-do-jornalista.pdf> acesso no dia 8 de agosto de 2010

a do jornalismo como ciência no processo de
carreira. 2008. Disponível em:

<http://www.bocc.un.br/pag/rocha-paula-importancia-jornalismo.pdf> acesso no dia 8 de
agosto de 2010

SABOYA, Jackson. **Manual do autor roteirista: técnicas de roteirização para a TV.**
Rio de Janeiro: Record, 1992. 141 p.

STRELOW, Aline. **A construção metodológica e a construção do campo do jornalismo.** 2009. Disponível em: http://www.bocc.uff.br/pag/strelow_bocc_2009.pdf
acesso no dia 8 de agosto de 2010

THORNTON, Ricardo. **Grupos de discussão. Grupos focais.** Tradução de Luciane
D'Ávila de Moura, Leonardo Meira do Nascimento. Santa Maria: FACOM-UFSM,
2005. 108p.

WATTS, Harris. **On Camera: o curso de produção de filme e vídeo da BBC.**
Tradução Jairo Longhi. São Paulo: Summus, 1990. 276 p.

Outras referências:

Relatório do Recurso Extraordinário, interposto pelo Ministério Público Federal e
Sindicato das Empresas de Rádio e Televisão no Estado de São Paulo.

Proposta de Emenda Constitucional nº33 de 2009.

Roteiro

Story-line:

Que questões envolvem a suspensão da obrigatoriedade do diploma?

Sinopse:

Em junho de 2009 o STF deu fim à exigência do diploma para jornalistas, que vigorava desde 1969. Mais de um ano se passou. Quais os possíveis interesses por trás dessa medida? Quais as consequências para os jornalistas? Os cursos superiores terão a mesma importância? O que a sociedade, profissionais e estudantes de Jornalismo pensam a respeito disso?

Duração: 25'30"

Fade in ó fade out	Universidade Federal de Viçosa
Fade in ó fade out	Curso de Comunicação Social
Fade in ó fade out. Texto no canto esquerdo inferior. Fonte branca	apresentam <i>Diploma pra quê?</i>
Fade in ó fade out. Texto no canto esquerdo inferior. Fonte branca	Marcela Sia: Para fazer jornalismo, assim como para fazer um bom prato de comida, não é preciso curso universitário. Diploma pra quê?
Trilha: õJust a bad fellingö ó Artista: Paulo Sacramento	
Vinheta	
Texto: fundo preto, fonte branca. Fade in e out.	<i>Jornalista precisa de diploma?</i>
Entra povo fala	Primeiro povo fala: Marcela: Você acha que jornalista precisa de diploma?

Bold tamanho 30,
estilo Tekton Pro
White 34

Crédito: Arial Bold
tamanho 18
Cor branca
Estilo ChaparralPro
White 80

Entre as sonoras
Cross Dissolve

A primeira sempre
usar Dip to black

alista? Um bom jornalista eu acho que sim. Ah
mmmm, com tanta coisa que acontece ele tem que saber
passar a informação, não?

Brasília: Eu não acho que o jornalista precisa de diploma por que é o seguinte. Tem esses candidatos, deputado antigo aí e governador, presidente, que õmalemäö sabe fazer o nome. Se for um bom jornalista, que ele sabe... a inteligência está na cabeça não na leitura. Temos grandes escritores aí que õera analfabetoö entendeu? No meu caso eu acho que não. Sendo um bom jornalista não precisa de diploma.

Viçosa: Ah, seria bom. Por que ficaria mais profissional né? Tirando o dom da pessoa, mas eu acho que seria bom todo mundo estudar.

Brasília: Cancelar essa obrigatoriedade do diploma é uma falta de respeito com os profissionais já atuantes na área e com os estudantes que passam tempos e tempos, anos e anos estudando para exercer uma profissão digna e da melhor forma possível. E o governo, de uma forma irresponsável, delibera essa ação, que dificulta mais o campo do jornalismo.

Viçosa: Precisa não, por que já pega a matéria. É só falar a matéria que vai redigir. A matéria já vem redigida pra ele. É saber ler a matéria. Não precisa de diploma não.

Brasília: Eu acredito que precisa sim, por que ainda que se fale em liberdade de expressão, pra atuar na área você precisa ter uma qualificação e saber como transmitir isso às pessoas... de qualquer maneira você precisa ter um conhecimento pra isso né? Então eu acho que é importante sim.

Sonora Lúcio SantøAna ó diretor jornal Tribuna Livre

O diploma é um pedaço de papel que pra muita gente vale muito pouco.

Sonora Lúcio Vaz ó jornalista Correio Braziliense

O diploma não é simplesmente um canudo de papel. O diploma é uma formação que dura 4 anos.

Sonora Rodolfo Moura ó diretor de assuntos legais Abert

O que vem junto com essa obrigatoriedade acaba sendo uma ameaça à liberdade de expressão.

ima para qualquer profissional: o registro.

Sonora Roberta Guerra ó Especialista em direito do trabalho

Se você exige que o profissional de Jornalismo tenha a diplomação em curso superior você em última instância acaba garantindo uma qualidade maior do trabalho que vai ser veiculado para a sociedade. Além do que, garante a sociedade contra qualquer tipo de violação que a imprensa faria em sua intimidade, em sua privacidade.

Se o STF tivesse colocado a não obrigatoriedade do diploma como regra nós com certeza estaríamos chancelando uma imprensa invasora da intimidade e da privacidade das pessoas em nome de uma pretensa liberdade de imprensa. Isso sem falar dos jornalistas né, que sairiam altamente prejudicados com a ausência dessa necessidade de diploma, por que não teriam a profissão regulamentada, não teriam direitos trabalhistas específicos da profissão de jornalista, não teriam direito pro exemplo à jornada de trabalho especificada, a níveis salariais especificados, não seria considerado uma profissão.

Sonora Erivam de Oliveira ó professor de jornalismo

Tem uma outra questão. A partir de uma pessoa não formada em jornalismo, quando ela cometer um crime de calúnia, difamação ou coisa parecida, como julgar essa pessoa? Se ela não estava preparada exatamente para aquilo que ela está escrevendo? Então como o Supremo vai julgar essa pessoa? A culpa é dessa pessoa ou a culpa é daqueles ministros que votaram contra o diploma?

Sonora Mirna Tonus ó professora de joralismo

Pra garantir o mercado de trabalho para o jornalista e evitar a precarização, o diploma é importante, a obrigatoriedade do diploma para o exercício garante, ou reduz pelo menos, essa precarização. Por que precarização existe com o sem diploma, só que sem o diploma é muito mais fácil de haver essa precarização. Além disso, o dono de um jornal, por exemplo, se ele não tem o jornalista que tem aquela formação ética, técnica, estética, se ele não tem essa formação, ele pode escrever... a mediação vai ser feita diretamente, por exemplo, das ideias desse dono de jornal com o público.

E aí a visão é única. Sem o jornalista vai os fatos vão ter só uma versão: a versão que interessa pros donos da mídia.

cional defina condições para o exercício da
jornalista. E a condição definida pela Lei foi a
exigência do diploma de curso superior.

Sonora Celso Schröder ó presidente Fenaj

Esse debate e essa apropriação da liberdade de expressão por parte dos empresários nesse momento foi derrotado. (...) liberdade de expressão é a liberdade da cidadania, do cidadão, e não dos empresários e nem tampouco dos jornalistas. (...) Quando a Constituição brasileira diz, nos seus parcos e poucos artigos, diz lá que é plena a liberdade de expressão, com exceção do artigo V, e nós vamos no artigo V e ã está referidaõ as profissões que atuam na área de comunicação, o artigo V está referindo-se ao jornalismo. Então já estava dito lá, que a liberdade de expressão ela realiza-se na verdade através do jornalismo e não apesar do jornalismo. Então estava garantido o nosso trabalho para dar a esta liberdade de expressão, assim como a profissão de médico está lá para garantir o direito à saúde, como a profissão de professor está para garantir o direito à educação. É a mesma lógica né.

Sonora Huberto Nicoline ó fotojornalista diplomado

Foi uma decisão totalmente incoviniente. (...) a questão da obrigatoriedade do diploma não vai melhorar o Jornalismo nem mexer com liberdade de expressão nenhuma. Por que isso já acontecia. As pessoas que não eram jornalistas, eles escreviam no jornal como colaboradores e todo mundo sabia disso. Para que isso né? Eu acho foi um desgaste a toa.

Sonora José Augusto Camargo ó presidente do SJSP

Se a gente for levar a sério esse conceito a gente estabelece que é ontologicamente, ou seja, filosoficamente impossível a existência da profissão de jornalista. Ou, invertendo a moeda, vamos para o outro lado e dizer assim ã só permitido liberdade de expressão a quem é jornalistaõ. Por que, se o fato de você ser jornalista viola a liberdade de expressão, é a mesma coisa que dizer que só jornalista tem direito à liberdade de expressão. Então você inverte a chave e dizer que só é permitido liberdade de expressão para quem é jornalista. Então esses argumentos são pobres, por que eles não têm consistência, a verdade é essa.

Off 4: A norma infraconstitucional que regulamentou o jornalismo foi criada durante o regime militar.

Trilha passagem:
Batida Urbana

Marcela Sia: Há quem diga que por isso ela seja

de eu acho que muda muito a maneira de você enxergar as coisas assim. Você fica mais... (outra estudante diz: crítico?) crítico também, mas mais astuto com as coisas. Acho que a universidade, a vivência na universidade ela te ensina a olhar as coisas sempre por vários ângulos, analisar mais onde você está pisando. O que que eu vou fazer agora? O que que eu vou falar agora?

Luiza Bravo ó estudante de jornalismo

A minha visão de mundo mudou completamente com a universidade por que você passa a ter acesso a trabalhos, a textos de uma intelectualidade tal que não tem acesso. Às vezes você nem sabe que existe, mas quando você entra na universidade cai tudo na sua mão e fora o amadurecimento.

Sonora Luan Henriques ó estudante de jornalismo

A universidade só vai nortear caminhos pra gente. A gente não vai aprender tudo aqui. Então caso não seja obrigatório o diploma, eu acho que cursos específicos que ensinem a trilhar esses caminhos também são bem válidos.

Sonora Erivam Moraes ó professor de jornalismo

Essa questão de nortear eu acho que já o grande caminho que a universidade oferece pros alunos de comunicação. A partir do momento que ela norteia, que ela te diz qual é o norte, ela está dizendo: olha, eticamente, esteticamente, politicamente, isso é o correto.

Ana Luiza Rezende ó estudante de comunicação

Não é só um manual, o modo de escrever de redação que vai te capacitar a ser um bom profissional nas ruas. A sociedade pede isso, um profissionalismo e isso se adquire nesses 4, 5 anos que você tem na universidade.

Kívia Oliveira ó estudante de jornalismo

A nossa formação, como ela é construída de maneira diversificada, eu acho que isso é um diferencial pra gente, que é a mais. Por isso que eu sou a favor do diploma.

Erivam Oliveira - professor de jornalismo

Você pode até não gostar de uma disciplina, mas pelo menos você sabe o que é importante naquela disciplina. Você pode não se identificar com fotografia, mas você sabe exatamente

listas conhecidos como Caco Barcellos, Arnaldo Casoy não têm diploma de jornalista. Mas na época que eles começaram a trabalhar as coisas eram bem diferentes.

Sonora Virgílio Gruppi ó chefe de produção TV Panorama

Essas pessoas tiveram a oportunidade de conviver com redações, que foram verdadeiras escolas. Então eu acho que essas pessoas, que frequentaram as redações na década de 60, até mesmo no início de 70 que eram redações diferenciadas elas têm realmente uma formação jornalística, mas uma formação jornalística de redações.

Sonora José Augusto Camargo ó presidente SJSP

Antigamente nas redações tinha isso. Tinha uma certa mistura, que mal comparando claro, fazendo aí uma analogia mais simbólica, do que efetiva, era como se fosse a relação entre o mestre de ofício e o aprendiz.

Sonora Virgílio Gruppi ó chefe de produção TV Panorama

No momento que você passa a modernizar o Jornalismo, você passa a integrar a mecanização plena do Jornalismo (...) essa mudança comportamental e essa mudança de método de trabalho ocasionou um impacto no perfil do jornalista e uma redução dramática das redações. Então não foi possível mais, o aspirante, o neófito em Jornalismo ele ter oportunidade de passar por diversas fases até que ele alcançasse o posto de repórter, quando você tem uma redação mecânica, como se diz no futebol, você já entra jogando e aí a coisa é um pouquinho mais diferente.

Trilha passagem:
Batida Urbanaö -
Artista: Paulo
Sacramento

Marcela Sia: Os tempos eram outros e as redações, verdadeiras escolas. Ingenuidade é pensar que hoje o mercado consiga sozinho formar bons profissionais.

Sonora José Augusto Camargo ó presidente SJSP

(2 mil anos de construção de uma forma de transmitir cultura, que é através dessa instituição escola, não funciona para jornalista? É a única profissão na história da humanidade que dispensa isso. Ou por quê? Por que ela é muito específica ou por que ela não existe, no caso que é a tese do STF. Então se ela não existe, ela não tem que ser ensinada. Então aí não precisa. Mas se ela existe, assim como todos os outros campos de conhecimento, e campos de atuação do saber humano, ela tem que ter um trabalho de ensino e preparação.

Você não vai mais aprender no dia a dia da
empiricamente, por que não tem tempo. Você vai
ter que aprender em algum lugar. E o lugar que a gente
inventou para ensinar as coisas pros outros é a escola.

Off 7: A decisão do Supremo sem dúvida provocou um enorme retrocesso para uma profissão que há décadas tenta se estruturar. Mas nem tudo está perdido. A Proposta de Emenda Constitucional nº 33, que ficou conhecida como PEC dos jornalistas, busca resgatar à obrigatoriedade do diploma para o exercício da profissão. Se ela for aprovada, essa história ainda pode ter um final feliz.

Sonora Celso Schröder ó presidente Fenaj

Acho que nesse momento, dadas as trapalhadas, dado o posicionamento conservador e nitidamente alinhado a um setor da elite brasileira, o supremo não tem força para reagir a uma pressão do parlamento como está sendo feita. Para alguma coisa serviu toda essa trapalhada, para alguma coisa serviu toda essa tentativa de desorganização da profissão ao longo desses 20 anos. A sociedade brasileira agora sabe do que estão falando.

Sonora Romário Schettino ó ex-presidente do SJPDF

O profissional tem limitações no campo de trabalho, mas ele não pode ser substituído por pessoas que não estejam capacitadas para o exercício de uma profissão que tem responsabilidade social e responsabilidade com a democracia.

Sonora Virgílio Gruppi ó chefe de produção TV Panorama

Uma profissão absolutamente essencial para a sociedade, para o funcionamento da sociedade. (...) Você precisa ter acesso a informação para que você tenha esclarecimento das coisas mais básicas da vida.

Sonora Celso Schröder ó presidente Fenaj

O jornalismo é uma profissão absolutamente necessária, eu estou convencido disso. É uma profissão digna, é uma profissão que inclusive pode ser bem remunerada, ela não precisa ser uma profissão de miserabilidade a que foi reduzida a partir desse interesses concentrados da mídia e é principalmente uma profissão necessária. Ela é indispensável para a democracia. E não há Jornalismo sem jornalistas. O Jornalismo é simplesmente o resultado de registro profissional. Ele não é o resultado de plataformas

<p>Texto: fonte branca.</p> <p>Textos entram alternadamente pela esquerda e pela direita, ficando 4 segundos.</p> <p>Trilha õJust a bad fellingö até o final</p>	<p>Jornalistas.</p> <p><i>Deadline</i></p> <p>Créditos:</p> <p>Produção e edição Marcela Sia de Lima</p> <p>Imagens Marcela Sia e Thiago Araújo</p> <p>Orientação Soraya Ferreira</p> <p>Trabalho de conclusão de curso de Marcela Sia de Lima</p> <p>Trilha sonora Batida urbana ó Paulo Sacramento Espírito na concha ó Paulo Sacramento Just a bad felling ó Paulo Sacramento Perfect noise ó Paulo Sacramento</p> <p>Agradecimentos Funcionários LabCom UFV Facom UFJF Rádio Universitária FM Tribuna Livre</p>
--	--